

1888

# Grênça & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

4.<sup>a</sup> SERIE

N.<sup>o</sup> 2

P.<sup>c</sup> Antonio Hermano

Assignatura: Quinhentos réis por anno

## SUMMARIO

O clero no ensino, *Bruno de Almeida* —  
Enfermo (poesia), *Maffos Ferreira* — Ala de  
namorados, *Agostinho d'Azevedo* — Contra os  
espectaculos ao divino (poesia), *A. Moreira  
Bello* — Nephelbatismo, *R. F. Fontinha* — Pelo  
mundo, *João Mario* — Letras, A. & F.

REDACÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO

GUIMARÃES

# LIÇÕES DE BEM FALAR

## AOS COLLEGIAES

### O programma

Dous caracteristicos avultam entre os distinctivos dos racionaes na escala animal:

O *falar* e o *rir*.

A palavra e o riso são o homem.

Como espelhos reflectores das ideias e sentimentos podem embaciarse ás vezes, d'ahi a mentira e a hypocrisia.

A linguagem quer-se pura e moderada.

Falar pouco e bem, eis o segredo.

O falador é como o tambor, no dizer de Kant, sóa porque está ôco. E' deixar em paz os cotovelos.

A educação social não se cifra só na decencia asseada do trajo e compostura polida de maneiras, exige sobretudo pureza vernacula de linguagem não melada de ervilhaca. Ouro sobre azul.

A nossa lingua é riquissima: para nos dotarem com tal thesouro, onde ha joias de primeira agua, cotisaram-se varios idiomas.

Os nossos cento e quarenta participios duplos são a inveja de estrangeiros.

O Minho é um veio preciosissimo, explorado pelo grande *mineiro* das letras — Camillo.

Nem maltrapilho nem janota no vestir e, parallelamente, no falar que é a veste do pensamento.

Guerra ao *calão* — o dialecto dos gaiatos, e ao gallicismo -- a giria dos peraltas de torna-viagem. Não digo pureza até ao fanatismo de purista inflexivel; tem que haver transigencias com

vocabulos timbrados de *nacionaes* pelos bons autores. Mãos á obra.

Está fechado o programma e abertas as lições.

### Primeira lição

#### ERRATAS

Palavras com resaiibos a francez ou nuamente francezas, *rua!* aspá-las como uma errata.

Palavras com ligeiro sabor a latim e grego não vos ficam mal nos bicos da penna.

Ninguem jámais se envergonhou de seus paes, não vos envergonheis tambem das vossas linguas — mães. Seja o vosso modelo o estudante hollandez — typo de seriedade e erudição, desadorando a bohemia.

Nas conversas, nos diarios e nos livros:

ONDE SE LÊ	LÊDE
Guardar o leito ( <i>garder le lit</i> )	Estar de cama
Affazeres ( <i>affaires</i> )	Ocupações
Bijouterias ( <i>bijouteries</i> )	Quinquilherias
Berrante ( <i>berrant</i> )	Garrido
Debutar ( <i>debiter</i> )	Estrear-se
Detalhes ( <i>detail</i> )	Portmenores
Esquisso ( <i>esquisse</i> )	Bosquejo
Fazer a Avenida	Passear na Avenida
Fazer o <i>record</i>	Percorrer o trajecto
Boa conducta	Bom procedimento
Feerico ( <i>féerique</i> )	Phantastico
Coquette	Galanteador
Abat-jour	Quebra-luz
Desopilante	Desobstruente, engraçado
Envelope	Sobrescripto
Pelindra ( <i>pleb.</i> )	Pobretao
Ter maissas	Endinheirado
Borga	Folia, esturdia
Ir onde a alguém	Ir aonde alguém (está)
A dei?!	E d'ahi?!
Encinhu	Ancinhu, engaço
Aido	Eido, corte
Atirar ás pedras	Atirar pedras
Bólsos	Bólsos

A. A.

## O clero no ensino



**A** actual lei de instrucção secundaria inflige ao clero portuguez o mais duro e desprestigiador vexame, que pode ferir uma collectividade: nega-lhe titulos de capacidade para concorrer ao ensino official e nega-lh'os até para exercer o ensino livre! Repulsa da cathedra, affasta para longe da officina em que se modela o cerebro e o coração da juventude, uma classe nobilissima á qual jamais se negou entrada franca no santuario do ensino, entrada que sempre retribuiu com a excellencia de generosos serviços.

Não se requer agudeza de lynce, para surpreender, n'essa paradoxal disposição da lei, que o nosso ladino Solon enfermava de anticlericalismo agudo ou lhe repuxava os cordelinhos, como a titere complacente, a *filha da viuva*, pois, demais é sabido, com que arte felina *essa innocente* rege os destinos das gentes.

. E' injusto, como nenhum, o insolito vexame.

O curso theologico, á parte a classificaçãõ offi-

cial, sempre teve os fóros e o valor de curso superior.

Para a matricula em tal curso exige-se uma documentação *preparatoria* parallelá á que se exige a quem segue outros cursos scientificos e literarios. O proprio curso triennial, embora triennial seja, dá saber equivalente e não raro excedente ao que se adquire até em cursos universitarios, pois, todos reconhecem que n'elle a exiguidade de duração é bem compensada pela intensidade e assiduidade no estudo e, ainda, pela maior largueza dos annos lectivos.

A pratica, por sua vez, dá o *placet* da evidencia ao que a theoria persuade e suggere. O clero alinha a plana equal com as classes mais doutoradas.

Na imprensa, em ramos literarios de toda a ordem, prestimosos membros seus manejam, com mestria singular, pennas de reconhecido brilho; no pulpito estadeia-se a cada passo, eloquente e magnifico, o verbo do sacerdote catholico; nas camaras legislativas ouve-se, de ora em vez, a voz cunspicua do clero; nas corporações sabias não faltam nomes seus muito illustres; no ensino avulta o saber encarecido e reconhecido do padre, sobretudo no ensino secundario, onde sua acção tem sido larga, operosa, digna, fecunda como poucas.

Mas, a par de ser brutalmente injusta a lei a que me reporto, é ella tambem fartamente odiosa.

Colloca um pé de desigualdade o clero nacional, os filhos do paiz, perante os estrangeiros, a quem faculta livre accesso ao ensino, logo que apresentem o titulo de capacidade exigido no paiz

de sua procedencia, seja muito embora esse titulo uma ridicula certidão d'um exame de primeiras letras e seja esse paiz a republica Liberia. E não é tambem comico a valer o caso de se dar como valido titulo de capacidade para o ensino livre e para a direcção de collegios o simples curso dos lyceus, emquanto se desvia para longe o padre, possuidor de illustração mais vasta e de titulos de aptidão educativa de muito superior quilate?

Demais em mais, a injusta e odiosa lei indignanos pela subtiliza cobarde de seus disfarces.

Foi d'uma certa generosidade em manter e garantir os direitos adquiridos, para calar, no socego mudo do egoismo, os que deveriam, por sua honra, gritar o protesto e a cruzada contra o insano esbulho, e, de tal arte, desviar a attenção da malfadada classe, do golpe que lhe amolga o prestigio e lhe tranca um campo de acção, o mais fecundo, o mais efficaz, para a christianisação das classes elevadas, quaes as que transitam pelos collegios e lyceus.

E não esqueçamos que a missão do ensino integra-se no apostolado do clero.

Jesus intimou-lhe esse mandato, como o primeiro.

As condições de independencia em que vive, sem liames de familia e de interesses, o talham como a ninguem, para o alto lugar de mestre.

O clero, posto na avançada do ensino secundario, representaria uma salvaguarda contra as theorias subversivas e impias, seria uma garantia de recta orientação da juventude, daria á religião uma viva consagração scientifica, que a altearia no conceito e no respeito da multidão.

O clero deve gritar clamorosamente contra o aggravo infamante, contra o esbulho injustissimo, que a lei lhe inflige, até que os poderes publicos o oiçam e lhe concedam a reparação a que tem jus.

E' um dever conservar a excellente posição que conquistara no ensino, para que não perca o meio, quasi unico, de incutir principios religiosos nas classes que serão, mais tarde, as dirigentes.

*Bruno de Almeida.*



### Enfermo

São horas de ir ao catre — o meu supplicio!  
para quantos ensejo brando e eleito!  
E pallido, dolente eu subo ao leito,  
como rez transportada ao sacrificio.

Meio refeitos da cançada lida,  
para quantos reponta cêdo a aurora!  
E eu a aspirar, insomne, por tal hora,  
por vêr findar a angustia dolorida!...

Dezembro, 1898.

*Mattos Ferreira.*  
Prior em Cinira.



## Ala de namorados

Pela espada



**D**A arvore de Castella a lança de Affonso Henriques cortara cerce o fructo sazornado da nossa autonomia. O oraculo que lhe tirasse o horoscopo leria no livro do destino: *cavalleiro e argonauta*.

Uma espada e uma ancora.

Embalaram-lhe o berço as canções de *gesta* e formara-lhe o espirito o lyrismo provençal.

Amanhecera guerreiro e trovador; o heroismo olympico conjugado com a imaginação aventureira.

Alma punica, genio semita.

A tensão epica da coragem portugueza num impulso de santidade heroica quebrara mil lanças pela *crux* contra o *crescente* e protestará a sua hegemonia num esforço d'athletas pela espada.

E' Nun'Alvares, a immaculada personificação da virtude forte.

A paixão aventureira do espirito portuguez fluctuara sobre as ondas, povoadas de phantasmas; e eis que surge, como evocado ao seu *fial*, um portentoso genesis de ilhas, cabos e lineamentos de

ignorados mundos, impellindo deante das suas caravélas as columnas de Hercules até ao cabo das Tormentas.

E' D. Henrique, o vidente de Sagres — o precursor das descobertas.

A audacia arrojada do character portuguez quebrara os encantos do Adamastor e desvendara os recessos da India, tentativas temerarias que fascinaram as tendencias phenicias da nossa raça com o enlevo do desconhecido.

E' Vasco da Gama, o porteiro do Oriente — o explorador audaz da *terra da promessa*.

A tempera titanica e serenidade saxonica da alma portugueza, caldeada na forja da lucta terçara armas, victima da honra romana, para escudar as *quinas* içadas á custa de sangue nas muralhas de suas praças.

E' João de Castro, fanatico do dever estoico inflexivel.

E' Affonso d'Albuquerque, leão dos mares, epico romano.

A honra casara-se com a força.

Tudo dera de si esta epopeia fatal, esta gloria assassina — a India!

A India foi a glorificação do passado, foi a cornucopia da nossa opulencia.

Fizera-nos ricos depois de nos fazer grandes.

A dupla corôa da fama e da felicidade.

Deu laureis para nossos heroes, joias para nossos monumentos, gloria para nossas armas, paginas d'oiro para nossa historia, e uma *biblia* para nossa patria.



Mas o sol feiticeiro cegara-nos na obsessão do renome.

O amor da guerra subira ao rubro de paixão e o sentimento da honra descera ao gelo do interesse.

E, desde que rarearam « as virtudes, as espadas largas e os portuguezes d'oiro », a corrupção alastrou-se como um contagio.

Ensarilharam-se as armas.

Sentiu-se ao longe o dedilhar lugubre duma lyra.

Camões celebrando uma apothese gravou um epitaphio. *Fuit Illion.*

Alfim sobre a purpura da nossa realleza oriental, sagrada como uma mortalha, jogou a Europa os dados quando no-la despiram para nos amarrar ao Escurial.

D'ahi, uma via-sacra d'insultos.

A Hespanha trahiu-nos com Napoleão.

A França cuspiu-nos com a *Charles et George.*

A Inglaterra espesinou-nos com o *ultimatum.*

E Portugal, como o pelicano devorou-se a si mesmo com a guerra civil.

A India era já uma tradição mas a Africa era ainda uma esperança.

Essa propria, abusando da magestade da nossa desgraça lança-nos a luva, reptando-nos perante o mundo inteiro.

Então o genio classico da raça lusitana despendurando da panoplia a espada dos seus maiores e retemperando-a no character masculino e vontade audaz, vasou-se por uma metempsicose admiravel

n'uma mão cheia de valentes ávidos de gloria, re-suscitando o velho brio tenaz, ameaçado de catalepsia.

E' Mousinho, o heroe de Chaimite.

E' Galhardo, o heroe de Coolela.

Foram temerarios? as grandes conquistas são os premios das grandes audacias.

As temeridades são o reflexo d'alguma scintilha divina 'nalma.

São loucuras de valor. A patria tem doidos sublimes.

O timbre portuguez é a virtude ousada com cunho maritimo—o nosso brazão a nossa nobreza.

Uma lição de coragem — uma desaffronta digna. Aprenda d'ella a Europa.

Mousinho, abrindo um sulco luminoso na historia patria e apontando para a Africa como para uma redempção, encarna o epico fervor medieval.

Saira-lhe em partilha a espada de Nun'Alvares.

Bemdita a mão que sopésa tal espada!

E, assim o entendeu o bizarro Porto, na guerra *invicto* e na paz *laborioso*, armando-o *cavalleiro* com a dupla investidura da espada d'honra e esporas d'oiro.

Se a fatalidade nos perseguir, colha-nos em plena brecha, armados de ponto em branco, tendo nos labios as ultimas palavras do ultimo rei cavalleiro *Morrei !... mas devagar !*

S. Damaso 7 de fevereiro.

*Agostinho d'Azevedo.*

## Contra os espectáculos ao divino

### I

De aspero açoite o manso Christo armado,  
Limpou de vendilhões o hebraico templo,  
Porque servisse ás gerações de exemplo  
Que a casa da oração não é *mercado*.

Ai! vemol-a hoje em *theatro* convertida,  
Aonde mundanal magnificencia,  
Doce canto e bombastica eloquencia,  
A sociedade attrae *culta, escolhida!*

Mas de onde o corpo gosa e a alma se esquece,  
Entre as nuvens do incenso ardente a prece,  
Recendendo piedade, sobe aos céos?

Tu, que um preferes coração contrito  
A sacrificio vão, pomposo rito,  
Podes taes cultos acceptar, ó Deus!

### II

Se lá nos céos, ó Vaso de pureza,  
Junto do solio excelso e refulgente  
De teu Filho triumphante e omnipotente  
Penetrar podem sombras de tristeza,

Que nova dor sentir ha-de teu peito  
Ao ver o que te dão profano culto,  
Que parece sarcasmo, escarneo, insulto,  
Mais que de devoção piedoso preito!

Desacatos de Deus á Magestade,  
E distincções na estancia da *egualdade*,  
Ferem teu coração, Mãe de Jesus!

Mas se ha quem affligir-te assim ignora,  
Sê clemente, perdôa-lhe, Senhora,  
Que tambem Christo perdoou na cruz!

*A. Moreira Bello.*

## O Nephelibatismo



**N**o seculo xvii, como todos sabem, alastrou-se pela Europa culta uma epidemia tão endemica, que pôde empolgar ainda as organizações mais robustas e privilegiadas.

Esta epidemia, nascida do desejo de fugir ao vulgar, mesmo á custa de banalidades e dispautes, deu-se na esphera da litteratura — chamou-se na Italia *marinismo*, na França *preciosismo* e cá na península *gongorismo* ou ainda *culteranismo*.

Os espiritos d'aquelle tempo, desvanecidos perante as admirações alvares das multidões ignaras e boçaes, a nada mais aspiravam do que a arredondar periodos ôcos d'idea, repletos de trocadihos e nebulosidades abstrusas. Era a tendencia da galanteria, dominando tudo, assoberbando tudo.

E ninguem era superior a esta derrocada dissolvente. Desde os mais pequeninos vultos até ás mais geniaes capacidades, uns esforçavam-se por entretecer flores exóticas, que d'um dia para o ou-

tro perdiam o odôr e se dobravam emmurchecidas; outros violentavam toda a classe de metros para a composição de madrigaes lorpas e affectados; e outros ainda deixavam-se envolver em nuvens acastelladas de metaphoras sem fim, produzindo aberrações enfadonhas, que o leitor não comprehendia.

Tantas eram as galas, os pingentes e os arrebiques que toucavam a esmo os livros d'aquelle tempo, que bem podiam comparar-se ás *preciosas ridiculas* de que falla Moliere n'uma das suas comedias — á força de adornos, despertavam riso ou nauseas.

E o que é para notar é que ainda mesmo os vultos gigantes, contemporaneos d'esse periodo de lucto litterario, se deixassem arrastar insensivelmente. Haja vista o nosso grande P.<sup>o</sup> Vieira, que, apesar de chamar *negro* ao estylo que o seculo chamava *culto*, usou e abusou da fórma translata em muito de seus sermões, aliás maravilhosos e inimitaveis.

Estas ligeiras observações vieram a proposito do tresloucamento que hoje vae na litteratura dos *novos*, como elles proprios se cognominam. Parece quasi um resurgimento do hyperbolismo atroz, que entoxicou todas as veias dos mais adiantados paizes da Europa.

Triste e lamentavel orientação da mocidade! Ora que hão-de amontoar só termos bombasticos, formando um todo monstruoso que nem elles mesmos podem perceber! . . .

Quando leio um nephelibata, lembro-me imme-

diatamente da esphinge da fabula. Só tem de humano o uso da palavra, considerada em separado; tudo o mais — combinações, semelhanças, arremedidos — é ferino, é horripilante!

Quer em prosa, quer em verso, vêm-se por ahi n'esses livros recentes, n'essas revistas actuaes, longas tiradas d'uma melancolia postiça, ou investidas de realismo atrevido. Aqui poem-se *estolas de jaspe ao pescoço da lua* ou palmilham-se *vias-lacteas de desespero* sobre posse; acolá profanam-se as litanias religiosas, pretendendo desviar-as do culto ao sobrenatural para o ignobil endeusamento das creaturas; mais além, faz-se a consagração das Messalinas, em termos d'apotheose. Em todos os escriptos se desencadeia um pandemonio assustador, um *pêlc-mêlc* de bodega — é o reinado da sandice, querendo dictar leis no mundo das letras.

Da parte dos novos (salvo raras excepções) não sae á luz da publicidade mais do que sentimentalismo lamécha, idealisações piègas, labyrinthos inextricaveis ou quadros impudentes. Mais nada!

Levante se uma campanha sem treguas contra essa horda de mentecaptos, de gente sem miolo! Saibam os jovens de talento cobrir com o xairel do desprezo os pobres desnorteados, que dão pelo nome de nephelibatas!

Nunca terá o precioso dom de vernaculidade o escripto que for affectado ou equívoco. O impudente. . . esse está abaixo de toda a critica.

S. Damaso, 2-11-98.

*R. F. Fontinha.*

## Pelo mundo



**O** GRANDÊ mundo da politica copia fielmente os individualismos minusculos: como n'estes, trava-se n'aquelles, com viva freima, a batalha do egoismo. Os principios sociaes que deviam ser como marcos sagrados postos por Deus ás ambições das Potencias, tombam sempre que lhes possam ser freio ou embargo.

Os pequenos estados são o joguete desprezível d'essas odiosas olygarchias da ultima hora. Allegar os direitos respeitaveis da justiça, ante esses tyranos, é já ridicula ingenuidade.

Só a força impera, sôem embora por toda a parte os hymnos gloriosos da democracia.

Ai de Portugal e de quem como elle, não pôde ostentar milhões armados, nem esquadras invenciveis. Perecerá sob a mole dos que se engrandeceram com o que mal adquiriram. Assim é que á mente sobe a onda da indignação ao vêr como, a proposito de tudo, este pequeno paiz estremece ante a iniquidade terrível dos fortes. Não estará a

questão financeira gerando por agora mais um exemplo pavoroso?

Pobre China também! Lá andam a contas com ella.

E' de vêr-se o assalto. A Allemanha, a Russia, a Inglaterra, a França e o Japão, com relampagos de cubiça nos olhos, fazem prodigios de equilibrio com a maromba da diplomacia. Um avanço de qualquer, logo crispa as garras das rivaes.

Não haja duvida porém: a Allemanha não será quem assente a pata de ferro com menos firmeza, nem com menos impudor; leva já a dianteira á sua mestra, a detestada Albion.

Quando virá o dia em que as raivas, que fervem na alma d'esses colossos, não possam mais occultar-se nos euphemismos da diplomacia e rompam em convulsão que os arruine e puna?

Não é só no paiz amarello: também aqui, na Europa, se travam as grandes potencias. A velha questão de Creta continua em aberto. A nomeação do governador desconcerta o concerto europeu. A Russia dá o seu favor ao principe Jorge e é de esperar que o peso de sua vontade termine por vergar as velleidades da Porta e as resistencias da Allemanha.

A Hespanha tem-se diminuido no conceito do mundo com a protelação da desgraçada guerra de Cuba. -

Devêra ao principio ter-lhe vibrado um golpe



de morte. Não o fez então por imprevidencia, não o fará agora por impotencia.

Ficará sem colonia e só com a enormidade de seus sacrificios.

Os Estados-Unidos saberão eternisar a revolta ainda que lhe neguem oficialmente o escudo de sua força; pois contra esta, crêmos, seria baldo o lutar da Hespanha, embora enfeixasse todos os impetos de nobre fidalguia n'uma campanha de suicidio.

A França, paiz de mais alçada affectividade intellectual, desinteressa-se um nada dos egoismos das suas irmãs, para commocionar-se com a questão Dreyfus.

E algo de razão tem, se a questão, como é evidente, encarna e prenuncia outras que sacodem algumas bases de civilisação.

Zola, o baixo e impio realista, á frente dos que pedem a revisão do processo que condemnou Dreyfus, assobiado por uns e glorificado por outros, é certo ter assumido um papel que lhe acarea adeptos.

Oxalá que a solução a que se chegue seja tal que a clara luz da justiça se substitua á suspeita que agita perigosamente o espirito francez.

*João Mario.*



## Letras

---

**Corações** acima de Santo Agostinho, versão do padre Senna Freitas. Um vademecum das almas devotas.

São os extasis da maior alma e os anhelos do mais apaixonado coração dos Padres da Igreja, vasados na mais classica e artistica linguagem portugueza, que os preles tem produzido de Castilho para cá.

Um devocionario que os corações moços devem meditar e d'alli aprender a bem-amar.

**Religião, Moral e Politica** por Nemo. Uma compilação d'artigos versados com mestria d'um theologo, erudição d'um moralista e sciencia d'um politico.

Desfralda o estandar-te da democracia christã e bosquêja o ideal catholico.

Num estylo fluente, claro e scintillante analisa a nossa perversão de ideias alliada á degradação de costumes. Um pulso firme ao serviço d'uma convicção sincera.

Um *nemo* que é incontestavelmente um *aliquis* — o primeiro jornalista catholico de Portugal.

**Pó da estrada**, por M. Brederode. Cantares d'um tresnoitado nephelibata, offercidos ao «pó da estrada» e vendidos aos curiosos... que pagam caro a curiosidade.

Cem paginas de bom papel e nebulosas trovas onde a custo se loriga o lucilar d'uma ideia. Arrasta a sua tristeza pessimista, de pagina para pagina numa carpeideira pela vida e numa ancia pela morte, sem lembrar-se de a sacudir com a *fé*. Dá-se ares d'um desilludido precoce que encontra na Noite e no Sonho um elixir das suas dores.

**Doutrina e Civilidade**. Manual expressamente dedicado aos alumnos do Collegio de S. Dámaso. Principios elementares da fé e rudimentos d'educação seguidos d'alguns mandamentos muito de lhes informar o caracter. Um bom livrinho que todo o collegial deve ter no coração, que é muito mais que te-lo na memoria.

*A.*  
**O Brazil contemporaneo**. (Conferencia) do Padre Senna Freitas. Trabalho d'uma philosophia e d'uma critica agudissima, lê-se com soffreguidão indissivel, e chega-se ao fim com pena de se ter exgottado tão depressa o nectar ambrosiaco d'aquelles geniaes pensamentos. O grande escriptor versa, com mão de mestre, com a auctoridade de quem presenciou os factos e com envergadura d'athleta, o movimento politico da grande nação brasileira, desde a implantação da republica até ao celebre discurso de Ruy Barbosa.

São vãos d'agua por um ceu caliginoso, d'onde elle faz jorrar scintillas de luz.

Oxalá que o talentoso athleta, a quem o nosso Camillo chamou *estylista vernaculo*, continue a dedicar ás letras os lampejos do seu cerebro privilegiado.

*F.*

# Chronica do Collegio de S. Damaso



## Concerto

No dia 20 de janeiro o violonista D. Agustin Rabell distraiu os collegiaes com um mimoso concerto. Bem mereceu os applausos que colheu e as *notas* com que os generosos rapazes o gratificaram.

## Passeio a Vizella -

No dia 26 foi o collegio a Vizella, onde, a proposito de seu anniversario natalicio, se prestou ao sabio dr. Pereira Caldas uma bem merecida homenagem. A iniciativa da consagração, ao venerando homem de letras, foi devida ao ex.<sup>mo</sup> snr. Albano Bellino, archeologo distincto. O collegio, associando-se, não fez mais do que cumprir um dever de gratidão e de justiça.

## Admissão á 2.<sup>a</sup> classe

O collegial Vianna Correia foi admittido á 2.<sup>a</sup> classe do periodo ordinario, embora lhe faltassem alguns mezes para completar a idade legal. Parabens.

## A's familias

A •Crença & Letras• é distribuida a todas as familias dos collegiaes, para que possam tomar conhecimento das informações inseridas n'esta *chronica*, bem como do cartão de *notas*, incluso.

## Notas.— Alumnos distinctos

No dia 31 de janeiro, visto ser fim do mez, houve *notas*, lidas perante a commuidade, com a assistencia do corpo docente. Se houve quem ouviu com desgosto suas classificações, outros houve que mereceram notas de distincção. Folgo de lhes publicar os nomes e dou-lhes um agradecido parabem. Foram os seguintes:

*Merito moral:* Luiz Telles, Manoel Martins, A. Peixoto, Adolpho Cunha, Silva Moreira, Pimenta de Castro, J. Peixoto d'Azevedo, Manoel dos Santos, Gonçalo Faria, Alfredo d'Oliveira, Arthur dos Santos, Arthur Dias Freitas, Jeronymo d'Almeida, José dos Santos Lemos, Alvaro dos Santos Lemos, Amandio Dias Freitas, Alberto Cruz, Pedro Amandio, Camello Monteiro, Santos Rebello, Mendes Vasconcellos, Pinto Bastos, José Vianna, Arthur d'Azevedo, A. Pinheiro, Cypriano, Elias, Nelson, Eurico, José Balthazar, Fernando dos Santos, Agostinho d'Oliveira, Manoel Cunha, Manoel do Nascimento, Milheiro, Aurelio Machado, Alvaro Faria, Annibal Pereira, Henrique Miranda, J. Miranda, Miguel de Souza, Manoel Lopes, Jeronymo Montenegro, João Vianna, Cautella, Emilio, Lourival, Fernando d'Almeida, João d'Almeida, João d'Oliveira Bastos, Paulo, Norberto, Sampaio e Castro, Abel Alves, Severino, Alves Ferreira e Carneiro Leão.

*Aplicação e aulas:* Peixoto d'Azevedo, Gonçalo Faria, Alfredo d'Oliveira, Amandio Dias Freitas, Pe-

## Chronica do Collegio de S. Dámaso

dro Amandio, Santos Rebello, A Pinto Bastos, Arthur d'Azevedo, Cypriano, Elias, Eurico, J. Balthazar, Agostinho d'Oliveira, Milheiro, Alvaro Faria, Annibal Pereira, J. Miranda, Sampaio e Castro, Aguiar, Abel Alves, Alves Ferreira, A. dos Santos Lemos, A. Mesquita, Cypriano, Silva Moreira.

### Primeira communhão

A 19 de março, dia de S. José, haverá no collegio a festa da *primeira communhão*. Para dar o justo relevo a tão solemne e piedoso acto, realisára-se uma *sessão litteraria e musical*, que, é de esperar, correrá com o costumeado calor e brilho.

### Paschoa

As ferias de Paschoa principiãõ no dia 2 de abril, sabbado de ramos.

### Entrudo

Houve os feriados de carnaval. Muitos collegiaes os utilisaram para ir abraçar suas familias.

Bem fizeram. Reprovo que os alumnos *emeudem* as visitas a suas casas, mas reconheço a utilidade d'um breve parenthesis de descanso no meio do trimestre.

### Boletins

Nos fins de março, a Direcção do collegio expedirá os boletins das despesas extraordinarias do

2.º trimestre corrente, e das presenças ordinarias do 3.º, como e praxe.

### Passeio grande

Consta-me que, este anno, em substituição da costumada festa de S. Luiz, darão os collegiaes um passeio até uma das cidades proximas. A escolha dependerá principalmente dos recursos que houver.

### A. de S. Luiz e S. Antonio

Realisada a eleição, ficou a mesa assim constituida: *Presidente*, P.º Hermano Amandio; *Vice-presidente*, Cypriano d'Oliveira; *Secretario*, Henrique Miranda; *Thesoureiro*, Alves Ferreira.

Congratulo-me com os eleitos e espero muito de sua dedicação.

### Retratos

Brevemente os collegiaes se photographarão em *grupo*, como é costume. Assim, todos terão um meio facil de ficar com uma *recordação* de seus companheiros, á qual mais tarde ligarão muito apreço.

### Exames trimensaes

No fim d'esta quadra haverá exames trimensaes, como já os houve antes do Natal. São agora de bastante valor, porque indicam quem está nas condições de requerer exame no Lyceu.

Darei os nomes dos *distinctos*.

*Ahmdec.*